

LET

CONTOS

Téll

CARAMBAIA

ORGANIZAÇÃO E POSFÁCIO
RAQUEL TOLEDO

TRADUÇÃO
LETÍCIA MEI, PRISCILA MARQUES E RAQUEL TOLEDO

Na Rússia

oi.réuMS

- 8 Em lugar de política
- 16 O advogado da moda
- 27 O corso
- 35 Feriado santo
- 44 Livro de mulherzinha
- 52 Imbecis
- 61 A literatura na vida
- 69 O dever e a honra
- 77 Animal sem vida
- 90 Remanso
- 102 Monólogo de Petrogrado
- 108 Um dia no futuro

Na imigração

- 118 Meu primeiro Tolstói
- 126 Nostalgia
- 133 Matéria-prima
- 139 Cartas sutis
- 147 *Que faire?*
- 155 Raspútin
- 212 Como eu vivo e trabalho
- 217 Cidadezinha
- 222 Marquita
- 236 Florzinha branca
- 244 O pseudônimo
- 256 O cachorro
- 302 Tempo
- 315 Flerte
- 336 E o tempo não mais existia

- 366 POSFÁCIO
- Vozes de mulher:
a redescoberta de Nadiéjda Téffi
por Raquel Toledo

Na Rússia

*Para Konstantin Érberg*¹

Sentaram-se para almoçar.

O chefe da família, um capitão reformado, com o bigode caído como se estivesse molhado, os olhos redondos e surpresos, mirava ao redor com cara de quem tinha acabado de ser arrastado para fora da água e ainda não conseguira voltar a si. Aliás, essa era sua cara de sempre, e ninguém da família se incomodava.

Depois de olhar com muda estupefação para a esposa, para a filha, para o inquilino que alugava

1 Konstantin Érberg, pseudônimo de Konstantin Aleksándrovitch Siunnerberg (1871-1942), foi um poeta simbolista e filósofo, membro do grupo artístico Mundo da Arte. [TODAS AS NOTAS SÃO DAS TRADUTORAS.]

um quarto em sua casa, almoço e querosene inclusos, meteu o guardanapo na gola e perguntou:

— E onde está Piétka?

— Só Deus sabe onde eles andam fazendo hora – respondeu a esposa. — Para escola só vai debaixo de paulada, para casa não volta nem para um pãozinho. Está enrolando com os garotos.

O inquilino deu um sorriso e acrescentou uma palavra:

— Está certo, é tudo política. Muitos protestos. Onde tem adultos, lá estão eles.

— Eh, não, meu querido – o capitão esbugalhou os olhos. — Essa história, graças a Deus, acabou. Nada de conversas e tagarelices. Já chega. É hora de cuidar das coisas, não de matraquear. Bem, agora estou aposentado, mas não vou ficar à toa. Vou inventar alguma coisa, vou pegar minha patente e, para vergonha da Rússia, vender em algum lugar no estrangeiro.

— Que tipo de coisa o senhor vai inventar?

— Bom, isso eu ainda não sei. Mas vou inventar algo. Meu Deus, quanta coisa ainda não foi inventada! Por exemplo, digamos, vou inventar um aparelhinho que toda manhã, em determinado horário, me acorde. Basta girar o pino, e ele desperta. Que tal?

— Paizinho – disse a filha –, mas isso é um despertador.

O capitão ficou surpreso e se calou.

— Sim, o senhor está certo – observou com delicadeza o inquilino. — Nossa cabeça ficou atordoada pela política. Agora sentimos o pensamento descansar.

Entrou voando na sala um menino corado, estudante do terceiro ano, deu um beijo na bochecha da mãe e gritou alto:

— Digam: por que se diz gin-ásio e não gin-áfrico?

— Por Deus! Ficou doido? Onde você se meteu? Por que se atrasou para o almoço? A sopa até esfriou.

— Não quero sopa. Mas por que não é gin-áfrico?

— Vamos, passe aqui o prato; vou lhe servir a costela.

— Por que se diz cós-tela e não cinto-pincel? – perguntou diligentemente o estudante, e entregou o prato.

— Deve ter ficado de castigo hoje – supôs o pai.

— Por que se diz cas-ti-go e não cas-mim-go? – o estudante resmungou, enfiando um pedaço de pão na boca.

— Não, o senhor está vendo este tonto? – perturbou-se o surpreso capitão.

— Por que se diz cabelos encaracolados e não cabelos encaramujados? – perguntou o estudante, estendendo o prato para repetir a porção.

— O quê? Será que não tem vergonha do pai e da mãe?!

— Piétia, quieto! – de repente, a irmã soltou um grito. — Diga, por que se diz ca-fé e não ca-dúvida? Hein?

O estudante pensou por um minuto e, levantando os olhos para a irmã, respondeu:

— Porque é pan-talão e não semi-cupom!

O inquilino soltou umas risadinhas.

— Semi-cupom... Ivan Stepánovitch, o senhor não acha graça? Semi-cupom! – Mas o capitão estava totalmente desconcertado.

— Sónietchka! – disse para a esposa em tom de lástima. — Tire esse... Piétka da mesa! Eu lhe peço, faça isso por mim.

— Não pode fazer isso você mesmo? Está ouvindo, Piétka? Papai mandou você sair da mesa. Já para o seu quarto! Não vai ganhar doce!

O estudante ficou amuado.

— Não estou fazendo nada de errado... Todo mundo na turma fala assim... Só eu pago por todos!

— Não adianta, não adianta! Está resolvido, saia! Não sabe se portar à mesa, então vá para o seu quarto!

O estudante se levantou, arrumou o casaco e, afundando a cabeça nos ombros, caminhou até a porta.

Ao ver a criada passando com um pudim de amêndoa, ele soluçou e, engolindo o choro, disse:

— Isso não se faz... tratar assim os parentes... Sou inocente... Por que se diz ino-cente e não ino-santo?

Por alguns minutos todos ficaram em silêncio. Em seguida a filha disse:

— Posso dizer que eu sou cul-pada e não cul-pata.

— Ah, pode parar você também! – a mãe acenou para ela. — Pelo amor de Deus, já não é mais uma menininha...

O capitão se calou, movendo as sobrancelhas em espanto, e resmungou algo.

— Ha-ha! Que beleza – regozijou-se o inquilino. — Eu também pensei em uma: por que se diz jevu-zém e não jove-zém? Entendeu? É francês. *Je vous aime*. Quer dizer “eu te amo”. Eu sei um pouco de línguas, ou seja, tanto quanto uma pessoa da sociedade deve saber. Não sou nenhum linguista, claro...

— Ha-ha-ha! – a filha caiu na risada. — E por que é Dubró-vin e não Rubló-gin?

De repente, a mãe se pôs a pensar. Seu rosto ficou tenso e atento, como se ela estivesse apurando o ouvido.

— Pare, Sáchenka! Espere um minuto. Como é... Esqueci de novo...

Ela olhou para o teto e piscou os olhos.

— Ah, sim! Por que é traço... não... por que é lesma... não, não é assim!

O capitão cravou os olhos nela horrorizado.

— Está gritando por quê?

— Pare! Pare! Não me interrompa. Sim! Por que se diz traçar e não lesmar?

— Ah, mamãe! Mamãe! Ha-ha-ha! Por que se diz pa-paizinho e não...

— Saia, Aleksandra! Quieta! – gritou o capitão, e saltou da cadeira.

—

O inquilino demorou para dormir. Ele se virava na cama e ficava pensando no que iria perguntar no dia seguinte. A senhorita lhe mandara dois bilhetinhos pela criada. Um às nove horas: “Por que se diz abraçar e não apernar?”. Outro às onze: “Por que se diz bata e não afague?”.

Ele respondeu a ambos em tom adequado e agora se torturava tentando pensar no que poderia oferecer a ela no dia seguinte.

— Por que... por que... – murmurava ele sonolento.

De repente, alguém bateu baixinho na porta.

Ninguém respondeu, mas a batida se repetiu.

O inquilino se levantou e enrolou-se no edredom.

— Ai, ai! Que traquinagem é esta! – ele riu baixo, abrindo a porta, e de repente deu um salto para trás.

Diante dele, ainda totalmente vestido e com uma vela nas mãos, estava o capitão. Seu rosto admirado estava pálido, e um pensamento tenso e insólito fez mover suas sobrancelhas redondas.

— Peço desculpas – disse ele. — Não vou atrapalhar... Só um minuto... Eu pensei...

— Em quê? Uma invenção? Foi isso?

— Eu pensei: por que se diz a-Nilo e não a- algum outro rio? Não... eu pensei outra coisa... tinha saído melhor... Aliás, peço desculpas... Talvez eu esteja importunando... Não conseguia dormir, vi a luz acesa...

Deu um riso torto, curvou-se e sumiu rapidamente.

Naquele dia havia pouca gente no tribunal. Ninguém esperava uma sessão interessante.

Nos bancos atrás do tabique três jovens rapazes de *kosovorotka*¹ suspiravam aflitos. Nos lugares para o público havia alguns estudantes e senhoritas, no canto estavam dois repórteres.

O próximo caso era o de Semión Rubáchkin. Ele era acusado, como constava do protocolo, “de

¹ Camisa tradicional entre os camponeses da Rússia, que tem a gola abotoada de lado.

espalhar boatos perturbadores sobre a dissolução da Primeira Duma² em um artigo de jornal.

O acusado já estava no recinto e caminhava diante do público com a esposa e três amigos. Todos estavam animados e, ainda que um tanto preocupados com o insólito da situação, conversavam e brincavam.

— Seria melhor se comesçassem logo – disse Rubáchkin –, estou com uma fome do cão.

— Daqui vamos direto para o Viena tomar café da manhã – sonhou a esposa.

— Ha! Ha! Ha! Vão é meter ele na prisão, lá é que vocês irão tomar café da manhã – caçoou o amigo.

— Melhor ainda na Sibéria – coqueteou a esposa –, no assentamento eterno. E eu então me casarei com outro.

Os amigos gargalharam amistosamente e bateram no ombro de Rubáchkin.

Entrou um senhor corpulento de fraque e, com um aceno soberbo para o réu, tomou lugar no púlpito e começou a retirar papéis de sua pasta.

2 A Duma foi uma assembleia legislativa do Império Russo. Convocada pela primeira vez após a Revolução de 1905 pelo tsar Nicolau II, a Primeira Duma durou apenas 73 dias e foi dissolvida em 8 de julho de 1906.

— E este, quem é? – perguntou a esposa.

— É meu advogado.

— Advogado? – os amigos se surpreenderam. — Mas você ficou louco? Chamar um advogado para um caso besta desses? Isso, meu irmão, é de fazer rir as galinhas. O que ele vai fazer? Não tem nem o que falar! O juiz vai logo mandar suspender.

— Para dizer a verdade, eu não tinha intenção de chamá-lo. Ele mesmo ofereceu seus serviços. E não vai cobrar nada. Disse que aceita esse tipo de caso por questão de princípios. Receber honorários seria uma ofensa. Eu, é claro, não insisti. Por que é que vou ofendê-lo?

— Ofender é ruim – concordou a esposa.

— Por outro lado, atrapalhar ele não vai. Deixe-o tagarelar por cinco minutos. Talvez seja até de alguma serventia. Quem é que sabe? Pode ser que inventem de aplicar uma multa, e então ele pode resolver o caso.

— Bom, isso é verdade – concordaram os amigos.

O advogado se levantou, alisou as suíças, franziu o cenho e se aproximou de Rubáchkin.

— Eu analisei seu caso – disse de modo soturno e acrescentou: — Tenha coragem!

Em seguida voltou para o seu lugar.

— Que figura! – os amigos soltaram uma risadinha.
— Diabo! – Rubáchkin balançou a cabeça preocupado. — Está com cheiro de multa.

—

— Todos em pé! O julgamento vai começar – bradou o oficial de justiça.

O acusado se sentou atrás do tabique e, de seu lugar, acenou para a esposa e para os amigos, sorrindo embaraçado e orgulhoso, como se tivesse recebido um elogio vulgar.

— Herói! – um dos amigos cochichou para a esposa.

— Ortodoxo! – o acusado respondeu cheio de energia à pergunta do juiz.

— O senhor admite ser o autor do artigo assinado com as iniciais S. R.?

— Admito.

— O que mais tem a dizer sobre esse assunto?

— Nada – respondeu Rubáchkin surpreso.

Nesse momento o advogado se levantou de um salto.

Seu rosto estava roxo, os olhos, esbugalhados, o pescoço, inchado. Parecia que tinha engasgado com um osso de cordeiro.

— Senhor juiz! – exclamou. — Sim, é ele que está diante do senhor, Semión Rubáchkin. Ele é o autor do artigo e disseminador dos boatos sobre a dissolução da Primeira Duma, do artigo assinado com apenas duas letras, mas essas letras são S. R.³ “E por que duas letras?”, o senhor pergunta. “Por que não três letras?”, pergunto eu. Por que ele, um filho frágil e fiel, não colocou o nome de seu pai?⁴ Não será porque ele precisava apenas de duas letras, S e R? Não seria ele representante de um terrível e poderoso partido?

“Senhores juízes! Será que os senhores podem aceitar a ideia de que o meu constituinte é apenas um mero escrevinhador de jornal, que deixou escapar uma frase infeliz em um artigo infeliz? Não, senhores juízes! Os senhores não têm o direito de ofender este que talvez seja representante de uma força oculta,

3 SR era a abreviação do Partido Socialista Revolucionário, fundado em 1901 e composto de socialistas agrários, herdeiros ideológicos dos populistas russos (*narodniks*) do século XIX.

4 Em sua assinatura, Semión usa apenas as iniciais do primeiro nome e do sobrenome, omitindo o patronímico, componente obrigatório dos nomes russos.

digamos, de um núcleo, diria ainda, da essência emocional de nosso movimento revolucionário.

“A culpa dele é ínfima, dizem os senhores. ‘Não!’, eu exclamo. ‘Não!’, eu protesto.”

O presidente chamou o oficial de justiça e pediu que retirasse o público.

O advogado tomou um gole de água e continuou:

— Os senhores precisam de heróis de *papakhas* brancas⁵! Os senhores não reconhecem trabalhadores modestos que não correm para a frente quando ouvem o grito “Mãos ao alto!”, mas que conduzem poderosos movimentos em segredo e no anonimato. Por acaso o líder do assalto ao banco de Moscou estava usando uma *papakha*? Usava uma *papakha* aquele que gritou de alegria no dia do assassinato de Von der⁶... Aliás, estou autorizado por meu cliente apenas dentro de certos limites. Mas mesmo dentro desses limites eu posso fazer muito.

5 Chapéu tradicional caucasiano feito de pele. No século XIX era parte do uniforme do Exército russo e da escolta do tsar.

6 Diretor da polícia imperial russa e ministro do Interior, Viatcheslav von der Plehve foi morto em ataque terrorista realizado pela Organização de Combate (grupo terrorista ligado ao Partido dos SR).

O presidente pediu que fechassem as portas e retirassem as testemunhas.

— Os senhores pensam que um ano de cadeia vai fazer deste leão um coelho?

Ele virou por alguns instantes e apontou para a face desnorçada e suada de Rubáchkin. Em seguida, fazendo de conta que tinha dificuldade para se afastar desse grandioso espetáculo, continuou:

— Não! Nunca! Agora é um leão, mas sairá como uma hidra de cem cabeças! Tal qual uma jiboia, ele vai envolver seu inimigo aturdido, e os ossos do arbítrio administrativo irão trincar miseravelmente sob seus poderosos dentes.

“Foi a Sibéria que os senhores designaram para ele? Mas, senhores juízes! Não direi nada aos senhores. Pergunto apenas o seguinte: onde está Guerchúni⁷? Os senhores mandaram Guerchúni para a Sibéria?”

7 Grigóri Andréievitch Guerchúni (1870-1908), um dos fundadores da Organização de Combate, braço terrorista do Partido Socialista Revolucionário. Organizou o atentado contra o ministro das Relações Interiores Dmitri Serguéievitch Sipiáguin e de governadores de Khárkiv e Ufá. Foi condenado à morte, teve a pena comutada para prisão perpétua e escapou da prisão pela China, depois pelos Estados Unidos e, enfim, pela Europa Ocidental.

“E para quê? Por acaso a prisão, o exílio, as galés, a tortura (que, aliás, não foi aplicada ao meu constituinte), por acaso todos esses horrores poderiam arrancar de seus lábios amargos uma palavra sequer de confissão? Um nome que fosse dos seus milhares de comparsas?”

“Não, Semión Rubáchkin não é desses! Ele subirá orgulhoso no cadafalso, afastará orgulhoso seu carrasco e, depois de dizer ao padre: ‘Não preciso de consolo!’, ajeitará ele mesmo a corda em seu pescoço orgulhoso.

“Senhores juízes! Já posso ver essa imagem nobre nas páginas do *Passado*⁸, ao lado de meu artigo sobre os últimos minutos desse grande combatente, que milhares de rumores tornarão o lendário herói da revolução russa.

“Exclamarei suas últimas palavras, que ele pronunciará já com um saco na cabeça: ‘Que pereçam os torpes...’”

O presidente tirou a palavra do defensor.

8 *Passado (Biloe)* foi uma coleção de documentos sobre a história do movimento revolucionário, lançada no início do século XX em Paris e Londres. Mais tarde foi publicada como revista em São Petersburgo entre os anos 1906-1907 e 1917-1926.

O defensor acatou, pedindo apenas que fosse aceito o requerimento de que seu constituinte, Semión Rubáchkin, se recusava terminantemente a assinar o pedido de perdão.

—

A corte, sem se retirar para a deliberação, alterou imediatamente o artigo e condenou Semión Rubáchkin à privação de todos os bens e à pena de morte por enforcamento.

O réu foi retirado desacordado do tribunal.

—

No refeitório do tribunal, os jovens ovacionaram calorosamente o advogado.

Ele abriu um sorriso afável, saudou e distribuiu apertos de mão.

Em seguida, depois de petiscar salsichas e beber uma taça de vinho, pediu ao escrevente que lhe enviasse a versão final do discurso de defesa.

— Não gosto de erros de ortografia – disse.

—

No corredor ele foi parado por um senhor de rosto torto e lábios brancos. Era um dos amigos de Rubáchkin.

— Está tudo acabado mesmo? Não há nenhuma esperança?

O advogado deu um sorriso sombrio.

— Não há o que fazer! Este é o pesadelo da realidade russa!

O interrogatório se estendeu demais, e o gendarme sentiu-se esgotado; fez um intervalo e foi para o escritório descansar.

Com um doce sorriso no rosto, ele já se aproximava do sofá quando de repente parou, e seu rosto se contorceu como se tivesse visto algo muito repulsivo.

Do outro lado da parede uma forte voz de baixo cantava: “Marche, marche adiante, povo trabalhador!”¹.

1 Referência à canção revolucionária *A varsovia* (*Varchavianka*, *Warszawianka*). Trata-se da tradução para o russo do texto polonês de Waclaw Świącicki, cujo refrão é: “Para um combate sangrento/santo e justo,/ marche, marche adiante/ povo trabalhador”. A canção se tornou popular nos protestos de 1º de maio de 1905.

A voz de baixo era ecoada, meio fora de ritmo, por uma vozinha tímida e rouca, abatida e desafinada: “puooovo trabalhadooooouur...”.

— O que é isso? – exclamou o gendarme, apontando para a parede.

O escriturário ergueu-se um pouco da cadeira.

— Eu já tive ocasião de informar o senhor sobre o tema do agente.

— Não estou entendendo na-da! Seja mais direto.

— O agente Fiálkin manifestou o desejo inadiável de integrar o grupo dos provocadores. Já é o segundo inverno que ele trabalha no bonde a cavalo de Mikháilovski. Um sujeito tranquilo. Só que ambiciona além de suas atribuições. Eu, ele diz, estou perdendo minha juventude e gastando minhas melhores forças nesse bonde. Observou a lentidão de seu progresso no trabalho com o bonde e a impossibilidade de empregar suas forças excepcionais, supondo que elas existam...

“Siangrento e jiusto...”, tilintava do outro lado da parede.

— Errado! – corrigiu a voz de baixo.

— E então, é um sujeito talentoso? – perguntou o gendarme.

— Ambicioso até demais. Não sabe uma canção revolucionária sequer, mas é metido a provocador. Andou se lamuriando, lamuriando... Ainda bem que existe o policial distintivo nº 4711... Ele é tudo para nós, conhece as partituras... Todos os policiais conhecem bem a letra, ficam na rua, não tem como deixar de ouvir. Mas este policial tem um ouvido excelente. Acabou decorando.

— Olha só! Estão matando a *Varsoviana* – suspirou sonhador o gendarme. — O amor-próprio é uma coisa boa. Ele pode fazer uma pessoa virar gente. Veja Napoleão, era apenas um corso... mas acabou conquistando, hum... alguma coisa.

“Ela arde em vermelho vivo, pois nosso sangue arde sobre ela”² – brame o policial do distintivo nº 4711.

— Parece que já é outra melodia – o gendarme apurou os ouvidos. — O que é isso, ele vai ensinar todas as canções de uma vez?

2 Canção *Estandarte vermelho* (*Kraznoe známia*). Origina-se de uma canção polonesa, que por sua vez era versão de uma canção francesa (*Le Drapeau rouge*) composta por um membro da Comuna de Paris. A tradução russa é de Vladímir Akimov (1872-1921) e ficou muito popular durante a Revolução de 1905.

— Todas, todas. O próprio Fiálkin tem pressa. Diz que uma certa questão está se delineando.

— E as pessoas têm um baita amor-próprio!

“A semente do futuro...”³, baliu o espião do outro lado da parede.

— Uma energia diabólica – suspirou o gendarme. — Dizem que Napoleão, quando ainda era apenas um corso...

No andar de baixo, descendo as escadas, ressoaram um berro e umas batidas secas.

— O que é isso? – o gendarme ergueu as sobrancelhas.

— São dos nossos, os aliados, que vivem em regime de pensão completa no andar de baixo. Estão agitados.

— Mas por quê?

— Parece que estão ouvindo a cantoria. É difícil para eles...

— Ah, diabo! Realmente, é incômodo. Talvez dê para ouvir até da rua, devem estar pensando que o protesto é aqui.

— Cão maldito! – o policial do distintivo suspira atrás da parede. — Por que é que está uivando feito

3 Verso de *Estandarte vermelho*.

um cachorro? Por acaso revolucionários cantam assim? Os revolucionários cantam de peito aberto. Seus sons são claros. Ouve-se cada palavra. Já ele fica ganindo pelas bochechas, os olhos desembestando para todos os lados. Pare de desembestar os olhos! É a última vez que digo. Vou cuspir e ir embora. Contrate um maximalista⁴, se é o que querem.

— Está ficando bravo! – riu o escriturário. — É uma Figner⁵ mesmo!

— Amor-próprio! Amor-próprio – repete o gendarme. — Inventou de ser um provocador. Não, irmão, isso também é uma rosa com espinhos. A corte marcial não raciocina. Se te pegarem, irmãozinho, ninguém vai verificar se você é revolucionário ou apenas um provocador. Pode espernear quanto quiser.

4 Referência à União dos Socialistas Revolucionários Maximalistas, partido político formado em 1906 por um racha de uma vertente radical dos SR. Eram favoráveis a ações de terror e expropriação.

5 Vera Nikoláievna Figner (1852-1942) foi uma revolucionária russa, líder do movimento Vontade do Povo (*Naródnaiá Vólia*), participou do atentado que tirou a vida do tsar Alexandre II.

“Os glutões engordam com o nosso suor”⁶, esforça-se o policial.

— Pfff! Fiquei até com dor de dente! Alguém o faça parar de algum modo.

— Como fazê-lo parar se ele sente em si mesmo tamanho... entusiasmo? O povo todo virou carreirista – suspira o escriturário.

— Bom, sempre se pode convencer. Diga a ele que um bom espião é tão necessário à pátria quanto um provocador. Estou com dor de dente.

“Caíram as vítimas...”⁷, bramiu o policial.

“Caíram as vítimas...”, baliu lamentoso o agente secreto.

— Para o diabo! – ganiu o gendarme, e saiu correndo da sala. — Fora daqui! – ouviu-se no corredor sua voz entrecortada, rouca de tanta raiva. — Canalhas.

6 Verso de *A Marselhesa dos trabalhadores* (*Rabótchaia Marsel'esa*), canção revolucionária russa com a melodia da *Marselhesa* francesa. Foi instituída pelo Governo Provisório como hino nos primeiros meses após a Revolução de Fevereiro (1917).

7 Canção composta a partir dos versos de Anton Aleksándrovitch Arkhángeski (nome verdadeiro Assómov) (1854-1915), escritos nos anos 1870. Nos primeiros anos depois da Revolução de Outubro (1917), passou a ser a marcha fúnebre oficial.

Se metem a provocadores, mas não sabem cantar a *Marselhesa*. Envergonham a instituição! Corsos! Eu vou mostrar os corsos para vocês!

A porta bateu. Tudo ficou quieto. Atrás da parede alguém soluçou.

Feriado santo

Como uma tocha, eles passavam uns aos outros

As boas-novas, e como de uma tocha

Eu acendia todo o meu fogo com ela

Dos relatos da vida dos primeiros cristãos

Samóssov estava soturno, olhava o diácono que espalhava o incenso e disse-lhe em pensamento: “Balance, balance! Está pensando que vai acertar o bispo? Segure a algibeira!”

Lenta, mas firmemente, deu uma cotovelada no garoto ao lado, que tentava se aproximar do chefe que estava ali rezando. Queria estar à vista: foi para isso que viera.

O chefe estava com a esposa e a sogra.

— Trouxe a esposa! – Samóssov fez o sinal da cruz.
— Mas é um cara de pau mesmo! Tem quarenta amantes e veio para a igreja, até pintou as sobrancelhas. Pelo menos ela se envergonha diante de Deus. Já ele é um idiota, casou-se pelo dote. Ela, é claro, aceitou! Para não morrer de fome.

— Cristo ressuscitou! – disse o padre.

— Ressuscitou de verdade! – respondeu Samóssov comovido. — Até a sogra ele trouxe! Como não trazer? Se a deixasse, pode ser que ela quebrasse a louça ou arrombasse o cofre. Ela seria capaz de negociar as próprias filhas. Pariu esses monstros e agora negocia. Nem um chapéu decente compraram para a velha. Parece que de gozação meteram uma galocha na cabeça dela. Para que todos escarnecessem. Não há o que dizer! Eles respeitam a velha. Quer queira, quer não, foi ela que os pariu! Não adianta tentar escapar! Balance, balance o incenso! Arquimandrita! Vai receber a sede episcopal.

A missa terminou. Com um senso reverente de dignidade, Samóssov se aproximou do chefe.

— De verdade, he-he!

Oscularam-se.

A mãozinha da esposa do chefe. A mãozinha da sogra.

— He... he! Que prazer ver no meio dessa multidão de gente simples a fé nos inextinguíveis mandamentos... os quais... Minha esposa? Não, ela... o senhor sabe, ela ficou cuidando da casa... É a própria Marta da Bíblia.

Ao sair da igreja, ele ainda sentiu por algum tempo a comoção do contato com o chefe, bem como a fragrância da água-de-colônia floral de seu bigode. Aos poucos, contudo, voltou a si.

— Mas ele não convidou para o desjejum! Deleitaram-se... Estenderam as mãos: beije! Creio que encontrarão quem goste de suas patas estropiadas.

Chegou em casa.

Esposa e filha estavam à mesa. Presunto e *paskha*¹ foram servidos. A esposa tinha uma expressão tal como se alguém estivesse o tempo todo xingando-a, parecia desconcertada e ofendida.

O nariz da filha era meio torto para o lado direito e puxava atrás de si o olho esquerdo, que mirava de soslaio e desconfiado.

Samóssov pensou por um minuto.

¹ Torta cremosa de queijo e frutas cristalizadas preparada na Páscoa ortodoxa.

— E-he! Estão pensando que eu trouxe presentes para elas!

Aproximou-se da mesa e bateu nela com o punho.

— Que diabos, resolveram começar o desjejum sem mim?

— Ora! – admirou-se a esposa. — Pensamos que você estava com o chefe. Você mesmo disse...

— Nem na minha própria casa eu tenho paz! – Samóssov quase chorou. Estava morrendo de vontade de comer presunto, mas achou que seria inadequado petiscar no meio da briga. — Sirvam-me o chá no meu quarto! – bateu a porta e saiu.

— Outro, voltando da igreja, teria dito: “Deus enviou misericórdia” – disse a filha, com um olho na mãe e outro no prato –, mas nós não somos como os demais!

— De quem você está falando desse jeito? – a mãe perguntou com curiosidade fingida. — De seu pai? Como ousa? O seu pai passa dias inteiros, feito um cavalo, com as costas curvadas, escrevendo, volta para casa para o desjejum, e ela nem se digna dar os cumprimentos pascoais! Só pensa em Andrei Petróvitch? Ele precisa terrivelmente de você! E como foi inventar de seduzi-lo! Desrespeitando seus pais, é isso? Uma moça que se dê ao respeito cuida para melhorar a vida

dos pais, aprende a ganhar dinheiro. Iúlia Pastrana, seja lá como ela se chama... há dois anos sustenta os pais e ajuda os parentes.

— Que culpa eu tenho se vocês não me deram uma boa educação? Com boa educação até trabalho de copista é fácil de encontrar, é isso.

A mãe se levantou com dignidade.

— Traga-me o chá no meu quarto! Obrigada! Você estragou o feriado.

Saiu.

Olhando animada ao redor, com o rosto corado de alegria, a cozinheira entrou na sala de jantar com um ovinho vermelho nas mãos.

— Cristo ressuscitou, senhorita! Que Deus lhe dê tudo de melhor, um noivo bonito e jovem, dos bons.

— Vai para o inferno! Sua descarada! Fica se metendo!

— Deus tenha misericórdia! – a cozinheira foi andando para trás. — De onde vem isso?... Não se pode nem dar os cumprimentos pascoais? Estou toda vermelha. Não tenho palavras. Passei o dia inteiro cozinhando e assando, fiquei até corada de tanto cansaço. O dia todo com a barriga no fogão, uma quentura que não dava nem para respirar. Fez calor,

desde cedo chovendo. Ano passado estava muito mais ameno! Na hora da missa da manhã até neve caiu.

— Desgrude de mim! – ganiu a senhorita. — Direi à mamãe para dispensá-la.

Deu uma rápida meia-volta e saiu com aquele caminhar das senhorias que acabam de repreender os criados: passos curtos, pisando rápido, mas movendo-se devagar, mexendo os quadris e estufando o peito.

— Estou mor-ren-do de medo! – entou a cozinheira em seguida. — Oh, como metem medo! Primeiro paguem o ordenado, depois podem ostentar! Acho que desde o Natal eu não sinto o cheiro de uma moeda de 5 copeques. Vou retirar a mesa e desabar na cama, nada de servir chá nenhum. Contratem um condenado das galés. Ele que lhes sirva chá no meio da noite.

Ela retirou o prato sujo da mesa e, seguindo o sistema de todas as mulheres mais velhas que passaram a vida trabalhando como criadas, apoiou a colher sobre ele, sobre a colher outro prato, sobre o prato um copo, sobre o copo a travessa com o presunto, e, quando estava prestes a colocar sobre o presunto uma bandeja com xícaras, tudo desmoronou no chão.

— Está tudo perdido!

Em suas mãos restou apenas o prato de baixo.

A cozinheira pensou-pensou e resolveu atirá-lo em cima da pilha.

Coçou a orelha com o lenço e de repente, como se tivesse se lembrado de algo, foi até a cozinha.

Sentada sobre um banco, estava uma gata magriçela bebendo leite com água de um pratinho. Diante da gata, de cócoras, estava uma garotinha, “órfã, para ajudar a lavar a louça”, que olhou para ela e disse:

— Beba, beba, mãezinha! Hora de comer, já acabou o jejum! Com comida boa, com certeza vai se sentir melhor!

A cozinheira pegou a menina pela orelha.

— Quem foi que quebrou a louça na sala de jantar? Hein? Para que vamos ficar com você aqui se é para quebrar a louça? Ah, você, sua magrela! Hein? O que estava pensando? Vá já para lá arrumar tudo. Amanhã você vai ver, sua tonta!

A menina começou a choramingar assustada, assoou o nariz no avental; esfregou a orelha, assoou o nariz na barra do vestido, soluçou, assoou o nariz na ponta do lenço da cabeça e de repente correu até a gata, derrubou-a no chão e deu-lhe um chute:

— Suma daqui, parasita de uma figa! Com você,

com essas bestas, não há vida. Só sabe filar o leite! Para não morrer antes de esticar as canelas!

A gata fincou as pernas, pulou na escada, quase sem conseguir trazer o próprio rabo, por pouco ele não foi decepado pela porta.

Enfiou-se atrás da lata de lixo, ficou muito tempo sentada sem se mexer, entendendo que o poderoso inimigo talvez estivesse à espreita.

Em seguida despejou seu desgosto e indignação na lata de lixo. A lata ficou calada, impassível.

— Miau! Miau!

Isso era tudo que a gata sabia.

— Miau!

Dá para entender muita coisa aqui, não é?

*Para Arkádi Rumánov*¹

O jovem esteta, estilista, modernista e crítico Guérman Enski² estava sentado em seu escritório, folheando um livro de mulherzinha e passando raiva. O livro de mulherzinha era um romance um tanto grosso, com amor, sangue, miradas e madrugadas.

1 Arkádi Beniamínovitch Rumánov (1878-1960), jurista, mecenas e colecionador russo.

2 O nome do personagem remete ao adjetivo *enski*, usado para se referir a algo indeterminado, genérico.